

## 1 INTRODUÇÃO

Vivemos em um tempo de constantes transformações. Os avanços da ciência e as conquistas tecnológicas possibilitam novas formas de andar a vida na sociedade contemporânea. A cibernética, as novas tecnologias da comunicação, os avanços da genética, da neurociência, entre outros, permitem ao homem, em sua condição *sapiens*, ampliar a compreensão sobre o ser humano, fenômeno que desencadeia paralelamente, questionamentos sobre a sua existência na “Terra-Pátria” que habita. Entre os grandes mistérios que insistem em atormentar e impulsionar reflexões sobre sua ocorrência, a morte permanece como um grande desafio a ser enfrentado pelo homem moderno, e para tanto muitas explicações são construídas buscando compreendê-la, justificá-la e até mesmo eliminá-la do contexto de vida dos seres humanos, afinal, a morte é uma adversária que priva o homem de consumir todas as conquistas produzidas pelos avanços da ciência, levando-o, segundo Leloup (2001) a vivenciar a crise existencial gerada pelo pensar naquilo que ele chama de “dor à qual não podemos atribuir um sentido”, referindo-se ao morrer.

Embora a morte tenha sido um tema muito presente em qualquer cultura, afinal o homem tenta significar a morte desde que se compreendeu a vida, a mesma nem sempre foi tão ameaçadora. Embora tenha seu caráter universal, a morte tem o seu significado atribuído de acordo com a matriz cultural de um grupo. “Disso intui-se que a morte se relaciona com a História, com o cenário cultural, religioso e político, possuindo significados reconfigurados de acordo com a experiência humana de cada época” (FRANCO, 2010, p. 25).

Refletindo sobre essa questão, Bertolli (2009) afirma que a experiência de morte acontece para qualquer pessoa, independente de sexo, idade, raça, cor, religiosidade, situação econômica, entretanto, o que vai diferir é o significado de morte para cada um, que vai ter profunda relação com as crenças e valores que vão dar sentido ao fenômeno. Um exemplo dessa realidade pode ser observado no âmbito das religiões, que atribuem à morte significados distintos, assim como produzem rituais distintos para vivenciarem a morte dos seus entes queridos. Todas as sociedades, desde as mais antigas até as atuais, criaram diversos sistemas fúnebres pelos quais podiam se entender com a morte em seus aspectos pessoais e

sociais. Desde o tempo dos homens das cavernas há inúmeros registros sobre a morte como perda, ruptura, desintegração, degeneração, mas, também, como fascínio, sedução, uma grande viagem, entrega, descanso ou alívio (KOVÁCS, 1992).

A espécie humana é a única para a qual a morte está presente durante a vida, a única que faz acompanhar a morte de ritos fúnebres, a única que crê na sobrevivência ou no renascimento dos mortos. (MORIN, 1997, p. 13)

Se na primeira metade do século XIX a morte representava um acontecimento social, ou seja, as pessoas morriam em casa, rodeados pela família e pelos amigos, atualmente, a morte tornou-se um evento isolado, distanciado dos sujeitos, acompanhados pela solidão de setores hospitalares que a escondem, tornando-a um momento impessoal, frio, vivenciado por pessoas normalmente inconscientes, internados em setores hospitalares como as Unidades de Terapia Intensiva (BERTOLLI, 2009).

Para Kovács (2008) o desenvolvimento tecnológico da medicina que possibilitou a cura de inúmeras doenças, provocou um equívoco que persiste e se amplia na contemporaneidade, e este consiste na ideia de que a morte pode ser combatida, retirando-a no contexto do lar, para ser vivenciada nos espaços tecnológicos dos hospitais. “As melhorias trazidas pela medicina tem aumentado a expectativa de vida, soando como um despropósito falar de morte a quem tem as descobertas da ciência a seu favor” (VOMERO, 2006, *apud* OLIVEIRA, 2012, p. 14).

É comum nos estudos sobre a morte, a afirmação de que nos dias atuais, um dos fatores determinantes para a mudança diante da morte na sociedade moderna foi o deslocamento do lugar da morte. As maiorias dos indivíduos que estão prestes a morrer passam a última etapa de suas vidas em um hospital das grandes cidades. Para Kübler-Ross (1981, p. 19) “[...] hoje em dia, morrer é triste demais sob vários aspectos [...]. Morrer se torna solitário e impessoal porque o paciente não raro é removido de seu ambiente familiar e levado às pressas para uma sala de emergência”. Para a autora, a ciência e a tecnologia proporcionou melhores meios do indivíduo e de sua família se prepararem para o acontecimento inevitável que é a morte. Mas acontece justamente o contrário, pois já se vai longe os dias em que era permitido a um homem morrer em paz e dignamente em seu

próprio lar. Corroborando com esse pensamento, Morin (1997, p. 13) afirma que as ciências do homem negligenciam sempre a morte. Contentaram-se em reconhecer o homem pelo utensílio, pelo cérebro e pela linguagem.

De acordo com Franco (2010) a modernidade retirou da morte sua face integradora, instituindo-lhe uma face maléfica, demoníaca e covarde, fazendo com que a negação da morte se torne um elemento característico da sociedade moderna. Ao alcançar o status de algo pecaminoso, contagioso, evitá-la torna-se a estratégia para afastá-la por mais tempo.

Em seus estudos sobre a morte Klübler-Ross (2008) nos alerta para o fato de que o homem não tem interesse em pensar o seu fim de vida na terra, só ocasionalmente o mesmo lançara um olhar sobre sua finitude, e isto decorre do fato de que a morte está associada a dor, a angústia, a separação, a solidão, a alienação e o temor do desconhecido, sentimentos estes, alimentados ainda mais pelo fato do vocábulo morrer ou morte está envolvido em uma grande e densa nuvem de terrores e falsas ideias, muitas vezes distantes da realidade, mas que nos foram inculcados pela cultura.

Essa estratégia de interdição da morte faz com que a mesma seja distanciada dos processos de vida dos sujeitos, sua interdição acontece inclusive nos processos comunicativos, nos quais falar sobre a morte é sempre um problema, gerando silêncios, inquietações, choros e pedidos para que se mude de assunto. Corroborando com essa ideia, Elias (2001), mostra-nos que a morte tem sido empurrada para os bastidores da vida social. Não deve ser falada, ou menos pensada. Os filhos crescem bem distantes da morte e quando se deparam, por acaso, com alguma ocasião na qual a morte esteja presente, os pais emudecem. Falta-lhes vocabulário ou mesmo evitam se expressar por medo de transmitir suas angústias aos filhos, abortando qualquer possibilidade de fazê-los pensar sobre o fim de tudo que os cerca.

A dificuldade de diálogo é percebida também quando ocorre o processo de morte de filhos. Muitas vezes, uma condição como essa, principalmente quando acontece de modo súbito, acaba por instalar verdadeiras crises na família, bem como processos de sofrimentos psíquicos que acabam prejudicando a continuidade do cenário familiar. Negar que a morte circunda nossa vida diariamente e o tempo todo nos coloca numa situação confortável, pois não nos aproxima dela, porém não pensar nela não a faz deixar de existir.

Diante do exposto referente à realidade de negação da morte e do impacto que a morte súbita provoca na vida das pessoas que necessitam lidar com essa situação, o estudo em apreço tem como questões norteadoras: Qual a repercussão da morte súbita no contexto de vida familiar? Como a família vivencia os processos de elaboração do luto nessas situações de morte súbita? Visando responder a esses questionamentos o estudo se propõe a discutir as percepções familiares frente à morte súbita de um ente familiar, destacando o processo de elaboração do luto. Para tanto, o método utilizado será a análise do filme “O quarto do filho” como estratégia para construção de dados.

Vale salientar que a narrativa cinematográfica é de grande importância na formação de opiniões e contribui de forma satisfatória, pois abordam temas de suma importância para a compreensão de assuntos que geram polêmicas e muitas dúvidas nas pessoas. Hoje em dia muitos especialistas fazem uso desse método para ajudar pessoas que passam por experiências parecidas na vida real e muitos filmes tem sido alvo de estudos para explicar comportamentos até então de difícil compreensão.

Estudos dessa natureza tornam-se urgentes e necessários, uma vez considerado que esse é tema alvo da formação e da prática docente do professor de Ensino Religioso, conhecer as percepções que envolvem a morte súbita é importante por possibilitar construir conhecimentos que favoreçam tanto a abordagem da temática como romper com barreiras que tornam o tema da morte um tabu social.

Devemos ressaltar que outros autores do nosso campus também discutiram sobre o tema da morte, Soares (2013) em seu trabalho: *Caminhando pelas trilhas da saudade: reflexões sobre a morte e o processo do luto*, trata da relação que temos com a temática da morte nos dias atuais a partir de um contexto histórico, buscando refletir as possíveis reações dos enlutados e suas dores e de como essas respostas diante da morte de uma pessoa estimada são enfrentadas no momento da perda, durante e posterior a ela; Outro trabalho que também aborda um pouco sobre este assunto, Oliveira (2012) com o tema: *Vivendo Morte*, trazendo o conceito de morte, bem como os motivos mais desencadeadores do grande temor e aversão. É de fato necessário reafirmar a falta de mais estudos neste sentido já que a morte faz parte do ciclo vital que todo ser humano terá que passar em algum momento da sua existência.

## 2 OS CAMINHOS PERCORRIDOS

Em virtude do horizonte pelo qual concebemos o conhecimento científico, estabelecemos enquanto perspectiva o método como estratégia, como proposto pelo pensamento complexo, que nos mostra que o método não significa em si o caminho, mas sim a possibilidade de aberturas de caminhos. Como nos coloca Morin, Ciurana e Motta (2003, p. 18)

É possível, contudo, outra concepção do método: o método como caminho, ensaio gerativo e estratégia “para” e “do” pensamento. O método como atividade pensante do sujeito vivente, não-abstrato. Um sujeito capaz de aprender, inventar e criar “em” e “durante” o seu caminho.

Nesse sentido assumimos a construção de uma pesquisa qualitativa, que caminha pelo universo das significações, dos motivos, das atitudes e dos valores. Optamos pela pesquisa qualitativa reconhecendo-a como um processo de investigação no qual é dado “ênfase sobre as qualidades das entidades e sobre os processos e significados que não são examinados ou medidos experimentalmente (...) realçam o modo como à experiência social é criada e adquire significado.” (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 23).

Vislumbrando atender os objetivos da pesquisa o trabalho utiliza a obra cinematográfica “O Quarto do Filho” como operador cognitivo para se pensar o impacto da morte súbita no contexto de vida de uma família. O uso do cinema para se refletir sobre situações de vida é uma prática que se permite no contexto de uma ciência capaz de entender que o cinema, muito mais do que produzir ficção, consegue trazer para os cenários imagéticos situações cotidianas que nos permite pensar aspectos sócios culturais que envolvem determinadas sociedades.

O processo de busca pela obra cinematográfica citada aconteceu a partir de uma pesquisa nos sites especializados em filmes, utilizando sempre os termos “morte”, “morte súbita” “morte na família”, “perda de filhos”. Após a identificação dos filmes pelos títulos, fizemos leituras das sinopses, buscando encontrar películas que nos ajudassem a responder aos objetivos propostos para o nosso trabalho. Após a leitura, assisti aos filmes selecionados, dentre estes, “O Quarto do Filho”, mostrou-se como uma excelente possibilidade para um diálogo entre morte súbita e o impacto desta na vida da família.

Durante as diversas sessões fílmicas realizadas para leitura do filme, fomos destacando trechos marcantes que serviram para definir categorias para análise do estudo. A partir destes fizemos um diálogo com os autores que compõem nosso referencial teórico, produzindo uma nova síntese que nos ajuda a pensar sobre a importância de construir estudos que envolvam a temática morte no âmbito das diversas ciências, em especial as Ciências da Religião.

### 3 A DIFICULDADE EM LIDAR COM A MORTE

A vida e a morte sempre caminharam de mãos dadas. Nascermos com a única certeza de que a morte é algo inevitável na vida de todo e qualquer ser humano, faz parte do nosso ciclo biológico. Mesmo assim, nunca estaremos preparados para morte, seja ela, a nossa ou de qualquer outra pessoa. De acordo com Santoro e Silva (2015, p. 03) “As pessoas evitam comentar sobre o mesmo, pois gera tortura, angústia e medo relativo ao fato de morrer. A morte ainda é vista como indiferente, como se o homem fosse um ser imortal, numa atitude clara de negação da morte”. Buscamos ao máximo negar nossa finitude e nos distanciarmos da morte, mesmo sabendo que isso não é possível.

Devemos atentar ao fato que vários fatores são determinantes no modo em que o ser humano lida com a morte dentre eles está à vinculação humana. De acordo com Nascimento (2006, p. 429).

Parece-nos que quando alguém que se ama morre, se é remetido a sensações básicas, experimentadas quando ainda bebês ou crianças em face do afastamento da mãe, e, possivelmente, paira uma ameaça sobre a própria sobrevivência do enlutado, na forma de medo de não sobreviver sem quem se perdeu e uma vontade (consciente ou não) de seguir o morto, ou “fazer a díade” (mãe e filho), que se apresentou a primeira base segura para construção de todos os vínculos subsequentes.

Discutiremos a partir da teoria da vinculação inicial abordada por John Bowlby (1998) a despeito do vínculo que criamos logo que viemos ao mundo, possivelmente com nossa progenitora, advindos da proximidade que temos logo no início da nossa vida. De modo que ao longo de toda uma vida acumulamos vínculos com as diferentes pessoas e com maior ou menor grau de vinculação, contudo, de acordo com Melo (2004, p. 04) “De forma simplista, pode-se considerar que quanto mais forte for o laço estabelecido entre duas pessoas, maior será o impacto e sofrimentos advindos da ameaça ou ruptura real desse laço”.

Como já ficou claro, não se pode negar que o vínculo com a pessoa falecida é algo determinante na elaboração do luto, pois quanto maior o vínculo com o falecido maior será as dificuldades de lidar com a perda. Diante da perda de alguém importante nos vemos inevitavelmente diante do processo do luto e de como esse luto será trabalhado. Para Melo (2004, p.04)

Apesar do processo do luto ser aparentemente um mecanismo universal e que se dá em várias espécies, cada indivíduo tem uma forma idiossincrática de o realizar e o processo varia não só de pessoa para pessoa, como também existem diferenças consoante à faixa etária em que o indivíduo se encontra.

Com isso cada pessoa lida com o luto a sua maneira e da melhor forma possível, não há uma fórmula a qual todos podem recorrer para lidar com a perda de alguém significativo em suas vidas.

De acordo com Melo (2004), diante de qualquer perda significativa, principalmente de uma pessoa próxima e importante, desenvolve-se um processo fundamental e necessário, para que o vazio deixado, com o tempo possa voltar a ser preenchido. Esse processo é denominado luto, e consiste em uma adaptação a perda, sendo que envolve uma serie de fases para que tal aconteça.

È necessário que o luto seja bem trabalhado para que a pessoa enlutada possa voltar a sua vida normal após perder alguém importante, e para que esse processo ocorra de forma satisfatória algumas questões devem ser trabalhadas, e neste desenvolvimento o enlutado passa por uma série de fases que o conduziram a uma melhor elaboração do luto, de acordo com Bowlby (2004, p. 91)

Reconhecidamente, essas fases não são bem delineadas, e qualquer pessoa pode oscilar, durante algum tempo, dentre duas delas. Contudo, é possível discernir uma sequência geral. As quatro fases são as seguintes: 1. Fase do entorpecimento que geralmente dura de algumas horas a uma semana e pode ser interrompida por explosões e/ou raiva extremamente intensas; 2. Fases de anseio e busca pela figura perdida, que duram alguns meses e por vezes anos; 3. Fases de desorganização e desespero; 4. Fase de maior ou menor grau de desorganização.

Segundo Parkes (1998) cada uma dessas fases tem suas características, e há diferenças consideráveis de uma pessoa para outra, tanto no que se refere à duração quanto à forma de cada fase. Além disso, as pessoas podem passar de uma para outra e voltar de maneira que, anos após o início do luto, a descoberta de uma fotografia na gaveta ou a visita de um velho amigo pode provocar outro episódio de dor e saudade.

Outro fator a ser considerado é que muitas vezes as pessoas não sabem como lidar com luto devido à imersão em sua dor e a confusão em seus próprios pensamentos que acabam dificultando a forma de lidar com suas emoções e a aceitação do processo do luto, sobre isso, de acordo com Taverna e Souza (2004), a não aceitação do processo de luto muitas vezes se arrasta por muito tempo, e com isso pode ocasionar o surgimento de algumas patologias, como a “melancolia”. Essa palavra no texto quer dizer depressão, um processo de tristeza profunda. A não interiorização dos processos de perda faz com que a pessoa esteja presa à realidade passada, ocasionando assim o surgimento de diversos tipos de patologias. Entres estas patologias, não ocorrem somente as sentimentais, mas podem chegar ao nível da doença física.

Por isso é necessário que o individuo viva cada fase do luto ao seu modo, mas não deixando de passar por todo esse processo para a elaboração normal do luto, como diz Taverna e Silva (2004), “O luto normal como o próprio nome diz, é aquele que não promove nenhum tipo de trauma ou consequências que possam afetar a integridade física ou psicológica da pessoa”. De acordo com Melo (2004), “Quanto à duração do processo do luto, não existe uma data conclusiva, sendo impossível definir uma resposta precisa. Ao perder uma pessoa de relação próxima como um filho, esse processo é improvável levar menos de um ano. Além disso, datas, aniversários, recordações são inevitáveis para relembrar a perda”.

### 3.1A Importância da Vinculação na Elaboração do Luto

De acordo com Bowlby (1969) apud Florêncio (2006), “A vinculação é um sistema comportamental que se organiza de forma própria, é também um dos

comportamentos que mais é acompanhado por sentimentos fortes. Esta se dirige para pessoas que são amadas sendo a sua presença saudada com alegria”. Não é incomum que possamos criar vínculos com pessoas próximas e que fazem parte das nossas vidas. Contudo, o grau de vinculação oscila de acordo com importância que estas pessoas tenham em nossas vidas.

A princípio a primeira vinculação acontece logo que nascemos com nossos progenitores, esse vínculo especialmente materno se dá de certo porque as crianças são seres indefesos e necessitam de cuidados em tempo integral por parte dos seus progenitores, criando a partir daí o primeiro vínculo. Ao decorrer de toda uma vida muitos outros vínculos são criados, com irmãos, primos, amigos, namorados, colegas de classe, colegas de trabalho, pessoas que vivem no mesmo ciclo que o nosso, dentre muitos outros vínculos que acumulamos ao decorrer da vida. Contudo, a vinculação da qual trabalharemos é aquelas que temos com nossas pessoas mais próximas, conseqüentemente, nosso vínculo mais forte que é o vínculo familiar. E por serem as pessoas mais próximas e mais importantes em nossa vida o rompimento deste vínculo é também o mais doloroso.

A seguir faremos uma abordagem de como a vinculação atua em diferentes situações e graus de parentescos, fazendo com que possamos perceber a forte relação entre vínculo e processo de luto.

### 3.1.1 A Morte do Cônjuge

Nesta situação em que duas pessoas levam uma vida em conjunto e fazem planos para construir um futuro juntos, a perda de um do cônjuge reflete um grande pesar e traz muita solidão na vida daquele que continua. De acordo com Mendonça (2011), para aferir a intensidade do luto pela morte do cônjuge, convém recordar que a intensidade do casal se forma a partir da partilha recíproca de emoções, sentimentos, valores, opções e cumplicidades, pois cada um existe em relação ao outro, formando como que uma nova unidade no ser, no falar e agir.

Contudo, cada parte do casal tem diferentes níveis de afeição, dessa forma o impacto é recebido de forma diferente em cada um dos gêneros, para Bowlby (2004), “As diferenças existentes podem ser consideradas como variações das maneiras como homens e mulheres de culturas ocidentais lidam com as reações emocionais e com a conseqüente perturbação de seu modo de vida”. Dessa forma, ambos os envolvidos em uma perda conjugal lidam diferentemente com cada situação da perda de um parceiro.

Por isso a perda do marido para esposa reflete de forma diferente, para Parkes (1998), A perda do marido pode significar ou não a perda do parceiro sexual, do companheiro, do contador, do jornalista, daquele que cuida das crianças, daquele que é o interlocutor em uma conversa, que aquece a cama com sua presença, e assim por diante. E, ainda, uma perda geralmente traz consigo outras perdas secundárias, acompanhada por uma queda nos rendimentos, o que, por sua vez, pode levar a viúva a ter que vender a casa, mudar de emprego (se estiver trabalhando) e mudar para novos bairros. Dessa forma o vínculo estabelecido pela esposa para com o marido, não é apenas um vínculo afetivo, como também parte de um vínculo financeiro.

No caso do parceiro, apesar de se estabelecer grande vínculo com o casamento, o homem lida com perda de forma completamente diferente da forma da mulher. Apesar do homem também sofrer com o falecimento da parceira, eles costumam trabalhar melhor seus sentimentos e tendem a superar a perda de forma satisfatória. Para Mendonça (2011), “Os homens tendem a retomar uma nova ligação emocional em maior número que a mulher, e num período de tempo mais curto”. Apesar da ligação com a parceira ter sido rompida o homem tem mais facilidade em lidar com a perda da esposa e tendem a lidar com o luto de forma satisfatória, reconstruindo a vida em um prazo mais curto.

### 3.1.2 A Morte para Crianças (Perda de um Genitor)

Tendo em vista que já é difícil trabalhar a perda de alguém amado para qualquer indivíduo, imaginemos então para uma criança, visto que é necessário

certo grau de desenvolvimento cognitivo para entender o que é a morte. Sobre isso, de acordo com Mendonça (2001), “As reações de uma criança á morte de outra pessoa, principalmente seus pais, são variadas e derivam de uma interligação entre vários fatores, nomeadamente a idade, o nível de desenvolvimento emocional e cognitivo, e a proximidade emocional em relação ao progenitor falecido e ao progenitor sobrevivente”. Por isso nestas situações o ideal a fazer é deixar a criança interagir com o ente falecido, dando total apoio e sempre respondendo seus questionamentos para que a criança não crie fantasias a respeito da morte.

Mesmo sendo difícil a criança lidar com o rompimento desse vínculo afetivo com um de seus progenitores, já que até então este é seu vínculo mais forte, se for bem trabalhado é possível que elas consigam lidar com o luto, desde que sejam bem assistidas e que tenham total apoio. Segundo Bowlby (2004),

Em condições favoráveis até mesmo uma criança pequena pode enlutar-se pela perda de um genitor, de uma maneira que se assemelha muito ao luto sadio dos adultos. As condições necessárias não são diferentes, em principio, das condições favoráveis ao luto adulto. As mais significativas, para a criança são: primeiro, que tenha mantido um relacionamento razoavelmente seguro com seus pais; segundo, que receba informações imediatas e seguras, que possam fazer qualquer pergunta e receber respostas sinceras e que participe do pesar familiar, inclusive dos ritos fúnebres praticados; terceiro, que tenha presença confortadora do genitor sobrevivente.

Com esses cuidados necessários, certamente a criança que sofreu tamanha perda pode se recuperar e levar uma vida normal, construindo daí por diante muitos outros vínculos e levando uma vida completamente normal e sociável.

### 3.1.3 A morte para pais (perda de um filho jovem)

A princípio, nosso vínculo inicial é com nossa família, quando digo família me refiro a nossos pais, irmãos, amigos e etc., contudo, com o passar do tempo e com o desenrolar de nossas vidas, construímos novos vínculos, ou seja, nossa própria família, casa-se e se tem filhos. Daí por diante necessariamente nossas prioridades mudam e este se torna nosso maior vínculo. Com esta nossa nova construção de

prioridades, também vem os projetos para família, os planos para os filhos e novos anseios para nossas vidas.

Dessa forma quando acontece o rompimento desse vínculo o impacto é devastador e causa muitos transtornos familiares, na visão de Santoro (2015), “Lidar com a morte é sempre uma questão complicada, ainda mais quando ela acontece precocemente. A perda de um filho em seu período da adolescência causa muito sofrimento, tristeza e frustração para a família enlutada, isso porque há uma ruptura em seu ciclo biológico e, de certa forma, uma interrupção de sonhos projetos e objetivos que almejavam ser alcançados”. De acordo com Oliveira e Lopes (2008), “A morte de filho também pode representar a impotência do amor dos pais para evitar esse evento final, podendo colocar em dúvida a qualidade desse amor, como se esse tivesse fracassado. Eles podem sentir-se culpados por sobreviverem ao filho”. É justamente aquela ideia de que os pais não deveriam viver mais que os filhos.

Justamente por isso de acordo com Santoro (2015), “A morte de um filho é considerada como a pior perda, por ser um evento não normativo, isso porque inverte toda a ordem de um ciclo vital. Entender e aceitar essa perda, sempre é uma tarefa difícil e dolorosa para família, principalmente porque a morte é inesperada, que pega pai e mãe despreparados para receber tal informação”. Com isso á muito mais dificuldade por parte dos pais em lidar com este tipo de situação. De acordo com Melo (2004) “Chegar a uma aceitação da perda leva tempo, pois envolve não só uma aceitação intelectual, mas também emocional, esta ultima sendo mais morosa. O tempo acaba por ser o maior aliado para ultrapassar a inolvidável perda, permitindo uma recuperação lenta e gradual”. Sobretudo com união e apoio familiar, aos poucos as coisas se ajeitam e tudo entra no eixo, as pessoas aprendem a lidar com a perda da pessoa amada e retornam a vida normal da melhor forma possível.

### 3.2 A Morte Súbita

A morte súbita é uma morte inesperada que causa grande impacto na vida do indivíduo, acontece quando menos esperamos e está ruptura brusca gera sensação

de grande desespero. De acordo com Silva (2011), “Este tipo de morte é percebido como algo que escapa ao controle social e que, como consequência, evidencia a fragilidade da condição humana. As sociedades, de modo geral, veem mortes súbitas como eventos ameaçadores, o que causam impactos tanto no grupo social como um todo como no psiquismo dos indivíduos que experimentaram a perda repentina”.

### 3.2.1 Como lidar com a Morte Súbita

“A morte é um tema sobre qual se discute sem nada poder se afirmar com certezas e verdades absolutas. A morte, quando pronunciada, desperta curiosidade, mas, também provoca desconforto e vem acompanhada de muitas dúvidas, emoções e reflexões” (RODRIGUEZ, 2008). Diante da discussão abordaremos a morte súbita, com enfoque em como as pessoas lidam com esse tipo de perda inesperada. Com relação à morte súbita, Catarine (2008) afirma que “a morte súbita e inesperada traz rompimento instantâneo, sem que haja uma preparação para esta situação, causando desespero, revolta e sentimento de culpa”.

Dessa forma quando a família passa por esse tipo de rompimento, ela se vê diante de um grande obstáculo. Segundo Santos e Sales (2009), “a ausência do seu familiar poderá lavar a família a solidão existencial, em todos os socorros e proteções serão eficazes para debelá-la; assim, a família sente-se completamente perdida e desvalida”. É necessário muito empenho para conseguir trabalhar o luto de forma tão repentina e inesperada. De acordo com Catarine (2008), apesar de ser difícil lidar com a morte, ela acompanha o ser humano durante toda vida desde a perda original e é uma experiência universal. Ao invés de ignorá-la, abominá-la, fingir que ela não existe, é necessário entendê-la, encará-la, sofrê-la e superá-la. Por mais doloroso que seja este tipo de perda, a vida deve continuar, mesmo que de modo diferente e que exija mudanças de paradigmas.

Com isso nesta situação em que a morte ocorre repentinamente, de acordo com Morelli, Scorsolini-Comim e Santos (2013), “Impõe-se o exercício tanto de um luto individual quanto grupal, visto que haverá necessidade de reestruturação e

construção de uma nova identidade familiar, na qual os papéis devem ser redistribuídos para que não haja sobrecarga em um dos membros”. Assim á mais chances de que a elaboração deste luto seja satisfatória para todos. Sobretudo, de acordo com Santos e Sales (2009), não se pode apressar o processo, não há fórmula para mitigar a dor; mas se pode estar presente e, com isso mostrar ao enlutado que ele não está sozinho, que seu pesar não é absurdo, que ele não está sendo fraco e que vivenciar a perda é necessário. E este é o caminho para lidar com a morte súbita.

## 4 O INICIO DE UMA HISTÓRIA

### 4.1 Filme O Quarto Do Filho (La Stanza Del Figlio)



O Quarto do Filho é um filme Italiano e foi lançado no Brasil em 15 de fevereiro de 2002, com roteiro e direção de Nanni Moretti, foi vencedor do prêmio Palma de Ouro no festival de Cannes na França. Seu elenco é: Nanni Moretti, Laura Morante, Jasmine Trinca, Giuseppe Sanfelice, Stefano Accorsi, Silvio Orlando, Sofia Vigliar, Renato Scarpa, Roberto Nobile, Claudio Santana, Paolo de Vita, Antonio Petrocelli e Simona Lisi. Conta à história de família Ancora na Itália que sofre com a perda repentina de um filho.

Giovanni Sermonti (Nanni Moretti) é um renomado psicanalista que vive em meio aos vários dramas de seus pacientes, casado com a bela Paola Sermonti (Laura Morante) que é escritora, eles têm dois filhos: a jovem Irene Sermonti

(Jasmine Trinca) e Andrea Sermonti (Giuseppe Sanfilice). É uma família feliz, Giovanni e Paola levam uma vida tranquila dividida entre os trabalhos e sua família.



Até que acontece um trágico acidente que transformam suas vidas para sempre. Em uma comum manhã de domingo Giovanni foi chamado com urgência para ajudar um paciente que estava com problemas e deixa de acompanhar o filho a praia para um passeio, com isso Andrea mergulha com uns amigos e morre afogado, a família é pega de surpresa e acaba se desestabilizando diante do acontecido, passando por muitos momentos difíceis e sem saber como lidar com a morte repentina do filho e posteriormente com o luto.

Giovanni passa a questionar sobre as chances perdidas que teve com seu filho que poderia ter salvado sua vida e se sente culpado por ter saído para trabalhar ao invés de passar o domingo com sua família, daí por diante a família passa por diversas situações embaraçosas, inclusive no trabalho, pois a culpa do pai acaba dificultando a rotina do psicanalista que se sente em conflitos com suas próprias emoções e não consegue se concentrar no trabalho sem saber como lidar com seus problemas e os problemas dos pacientes. A vida da família entra em grandes conflitos, os pais sentem-se confusos e presos em suas próprias dores e acabam se afastando, cada um vivenciando o luto de sua forma, se agarrando a única coisa que ainda resta do filho que é seu quarto.

Outros problemas também rodeiam o casal, a filha Irene sente-se excluída por parte dos pais, que acabam negligenciando a dor da filha que também não sabe como lidar com luto e está se tornando antissocial devido sua perda. A história dá uma reviravolta quando a família recebe uma carta direcionada a Andrea de uma possível namorada que eles não tinham conhecimento, a jovem Ariana (Sofia Vigliar). Surge o repentino interesse em conhecer esta jovem até então desconhecida por toda família, ela parece importante para Andrea mesmo ele não tendo falado dela para família, mas sabendo que ele era tímido e discreto a família concluiu que esse tinha sido o motivo da omissão.

A jovem Ariana aparece para dar um novo rumo na vida desta família que agora se encontra perdido, ela fala sobre Andrea e de como se conheceram, mostra algumas fotos que ele tinha lhe enviado em seu quarto, ele estava tão feliz, sorridente e aquelas fotos acabam contagiando seus pais. Ariana estava apenas de passagem, ela está saindo para uma viagem com seu amigo Stefano (Alessandro Ascoli), eles estavam apenas de passagem, estavam de férias e iriam para França viajando de carona. Na tentativa de passar mais tempo com Ariana, eles lhes oferecem carona até certo ponto da viagem e a família se reúne em função desta carona e um novo leque de oportunidade se abre em torno da família.

Falar da morte súbita e do luto para mim é de certa forma uma questão pessoal, é uma forma de esclarecer algumas questões que sempre me cativaram e que também deve fazer parte da vida de muitas pessoas, desde cedo sou intrigada com o mistério da morte e os sentimentos que se vivem pós-morte, consequentemente o luto. Como é para qualquer pessoa perder alguém que se ama tanto e que se é tão importante em sua vida. Naquele momento eu nunca tinha visto a morte de perto e nunca tinha perdido alguém que eu pudesse considerar especial, mas o gatilho que me impulsiona a falar deste assunto neste momento foi à perda de alguém bastante conhecido na minha região, um rapaz jovem, querido por todos e que tinha uma vida inteira pela frente. Tragicamente, uma ação inconsequente de um irresponsável deu fim à vida daquele jovem promissor.

A princípio, o que me chamou atenção foi o choque daquela morte tão inesperada e repentina e o desolamento de todo um pacato interior, mas o que mais me inspirou foi o gesto de uma de suas irmãs, grande companheira e com o sorriso

mais bonito e mais sincero que já havia visto e que sempre me chamou atenção. Após a morte de seu irmão ela se recolheu por alguns dias para ficar junto de sua família neste período tão difícil para todos e eu pensei comigo mesmo que nunca mais poderia ver aquele sorriso tão sincero e tão bonito que sempre me deixou tão admirada pela sua sinceridade. Passaram-se alguns dias e eu voltei a vê-la, com um semblante de tristeza e de dor tão grande que era de cortar o coração de qualquer um, mas após algum tempo conversando, ela deu aquele sorriso, aquele sorriso que eu pensei que nunca mais poderia ver e aquele sorriso me encheu de questionamentos e me instigou a descobrir como depois de tamanha dor é possível chegar naquele momento, como lidar com o luto pela perda de alguém tão querido, quais foram os caminhos que a levou á aquele momento.

Naquele instante me veio um amontoado de muitas perguntas e aqui estou, falando sobre uma morte inesperada e quais são os meios de se elaborar um luto saudável e como é possível uma família lidar com tudo isso.

Crescemos em uma cultura onde os mais novos devem se sobrepor aos mais velhos e quando acontece o contrário isso é motivo de muita dor e de angustia, é difícil para os pais pensar que isso que os filhos partam antes deles. Geralmente, quando a morte é resultado de um processo de adoecimento, a evolução da doença leva a um processo de preparação, vivenciando-se a elaboração do luto previamente. Por outro lado quando a morte acontece de modo súbito, o processo de vivencia do luto vai impactar de modo mais intenso, levando em alguns casos a necessidade de acompanhamento profissional para superação das fragilidades vivenciadas nesse momento.

#### 4.2 Primeiro Momento Após A Perda (Dor E Desespero)



No caso do filme que estamos estudando, em uma situação em que a família é bem estruturada e leve uma vida comum onde todos desenvolvem seu papel no seio familiar qualquer morte abalaria a estrutura da família, como mexeria estruturalmente com qualquer família, pois nunca estamos preparados para lidar com ela, independente de qualquer situação. Tudo segue normalmente, daí acontece o inesperado e nos vemos diante da morte de um filho, alguém jovem com uma vida inteira pela frente, com sonhos para serem concluídos, planos interrompidos, com palavras que não foram ditas, com abraços que não dados, com situações que não foram vividas, realmente é algo imensurável, é um grande impacto, principalmente para os pais que geralmente vivem as dores dos filhos, imaginem então a dor de se perder um filho nestas circunstâncias.



Este é a princípio um dos momentos mais difíceis, logo que acontece o óbito e a família vê se diante dessa situação e sem encontrar uma explicação de o porquê isso está acontecendo. Segundo Mendonça (2011), “A morte de um filho, criança ou jovem, constitui a experiência mais chocante, pela interrupção de uma vida em plena “primavera”. O impacto desta morte deve-se, em parte, ao carácter excepcional da morte infantil na atualidade, pelo avanço da medicina, e ao novo lugar da criança na família”. A excessiva valorização da vida sem muitas vezes reconhecer sua finitude, impõe aos seres humanos conflitos intensos, é como se esse tipo de situação só acontecesse com os outros e nunca em nossa família.

Quando nos deparamos com essa situação à vida da uma grande reviravolta. De acordo com Oliveira e Lopes (2008), “Lidar com morte é mais difícil quando se conviveu com a pessoa. Imaginemos então quão mais intenso é o luto para aqueles que não só conviveram com o falecido, mas também foram seus progenitores”.

Imaginemos como é difícil para os pais lidar com a morte súbita de alguém que é tão amado, um filho, uma parte de você. Esta situação muda à vida de todos, no caso da família na qual estamos trabalhando essa situação é vista quando a mãe passa mais tempo no quarto do que com a família e o pai acaba passando mais tempo no consultório do que em casa como narrado na situação a seguir:

Irene \_ Posso entrar?  
 Paola\_ Um momento.  
 Irene \_ Eu trouxe o café.  
 Paola \_ Obrigado, Irene, mais não precisava, já levantei, estou indo.  
 Irene \_ E o papai?  
 Paola \_ Já está no escritório. Eu já vou.

Diante de tudo que a família passou, todos estão abalados envolvidos em sua própria dor e findam distanciando-se uns dos outros. De acordo com Mendonça (2011),“A magnitude da perda é de tal ordem que o organismo parece activar certas barreiras ou resistências, como que a conceder tempo e espaço para a progressiva tomada de consciência da tragédia. Mas, um dia, cedem todas as resistências e a pessoa enlutada sente-se submergir na voracidade das emoções características do luto”.

Reafirmando isto Melo (2004), “Diz que a morte de um familiar pode despedaçar o equilíbrio familiar e os padrões de interação estabelecidos o processo de recuperação envolve um realinhamento das relações e uma redistribuição dos papéis necessários para compensar pela perda, amortecer os estresses transacionais e seguir com a vida familiar para frente”. Sobretudo, a muita dificuldade por parte dos pais que estão tão envolvidos a sua própria dor que acabam negligenciando o momento que sua filha também está passando, mostrando claramente que a filha se sente sozinha e tenta resolver as coisas ao seu modo, como está descrito a seguir:

Giovanni \_ Como foi o treino?  
 Irene\_ Tudo bem. Como sempre.  
 Giovanni\_ Vai jogar domingo?  
 Irene\_ Claro.  
 Irene\_ Falei com uns amigos da escola e com os amigos do Andrea.  
 Paola\_ Sim.  
 Irene\_ Quero mandar rezar uma missa tentei pensar em outras coisas, mas nenhuma me agradou. Talvez seja a menos triste, não?  
 Giovanni\_ sim.  
 Paola\_ tudo bem.

Na fala acima, nota-se que a filha está visivelmente desprovida de cuidados e de mais envolvimento em sua vida por parte de seus pais e está é uma questão que deve ser bem trabalhada junto à família. De acordo com Melo (2004), a comunicação familiar é vital durante o percurso da adaptação a perda. Para, além disso, um ambiente de confiança, respostas empáticas e tolerância a diversas reações é essencial. E neste momento em que os pais lidam com a dor de forma individual, a filha do casal acaba sem o apoio que seria necessário para que ela também pudesse elaborar seu luto de forma saudável e ao lado daqueles que a amam e deveriam se tornar um dos responsáveis por ajudá-la no caminho em direção ao enfrentamento e ao entendimento de tudo o que aconteceu com a família. E de acordo com Melo (2004), “As crianças podem ser mais prejudicadas pela incapacidade da família em proporcionar estrutura, estabilidade e cuidados da proteção do que pela perda em si. Desta forma, promover a coesão e uma reorganização flexível no sistema familiar é essencial para a ré estabilidade e resiliência”.

Nesse meio tempo, outro problema que também afeta a família é o fato de Giovanni sentir-se culpado pela morte do filho. Seu sentimento é tão devastador que ele tem alucinações de como poderia ter feito diferente e evitado que o filho tivesse saído com os amigos e assim ter morrido. No dialogo abaixo isso é visto quando ele vislumbra ter recusado sair para atender o paciente:



Giovanni\_ Bom dia, Oscar. Como vai? Sinto muito.  
 Giovanni\_ Entendi. Sinto, sinto muito.  
 Giovanni\_ Podemos adiantar para amanhã.  
 Giovanni\_ Pode ser de manhã se quiser às 08h00min.  
 Giovanni\_ Hoje?  
 Giovanni\_ Hoje não. Não posso mesmo.  
 Giovanni\_ Vejo você amanhã, às 08h00min.  
 Giovanni\_ Tudo bem. Até mais.

De acordo com Melo (2004), “É indescritível o tremendo sofrimento que advém da perda de alguém que nos é querido, pois jamais alguma palavra conseguiria abarcar uma dor que aparenta ser incomensurável”. Contudo, é ainda mais difícil quando nos sentimos responsáveis por esta perda, a dor é ainda mais devastadora, ela consome toda paz e o equilíbrio daquele que carrega consigo tamanha responsabilidade, de acordo com Ware (2012), “A culpa é toxica. Expressar nossos sentimentos é uma necessidade para que tenhamos uma vida feliz”. No caso de Giovanni, esta culpa lhe causa muitos problemas porque ele tinha um compromisso com o filho e precisou desmarcar para sair para um compromisso

profissional e por isso ele se sente ainda mais culpado e este sentimento é devastador.

#### 4.3 Reações da Família Diante da Perda

Nos primeiros dias em que acontece a perda todo o assunto relacionado com o falecido causa muita dificuldade para a família, até mesmo falar sobre o que aconteceu e falar do ente querido perdido. É complicado para toda família tendo em vista que o sentimento de perda é recente e as emoções se encontram em conflitos. Na situação seguinte, Giovanni se sente desconfortável em compartilhar com os amigos a situação que eles estão vivendo, neste caso, eles saíram para jantar com alguns amigos e ele tenta fazer com que ela não fale sobre o filho, sentindo-se desconfortável e tentando evitar que ela continue a falar sobre o assunto:



Paola\_ Porque você tentou me fazer parar de falar.

Giovanni\_ Não é verdade.

Paola\_ Eles não ficaram constrangidos.

Giovanni\_ Eu sei que não. Só peguei na mão. Queria ficar perto de você.

Paola\_ Não. Queria que eu parasse de falar de Andrea. Você nunca fala com ninguém. Acha que perderá alguma coisa se falar. Você me dá pena.

Giovanni\_ Tudo bem.

Segundo Caterine (2008), a falta da pessoa amada, não pode ser ignorada, esquecida ou deixada de lado, precisa sim, ser reposicionada. Esta reposição implica em não querer negar o acontecido, em poder falar do filho sem restrições, sem chocar ninguém e de realizar o luto dentro de um tempo adequado para si mesmo. Quando as pessoas poupam falar em quem partiu, reafirmam a posição de que este precisa ser realmente esquecido. Diferente de qualquer outro luto que segue a sequência lógica da vida, a morte de um filho reafirma a incondicionalidade do amor e, portanto é impossível tentar esquecer. A princípio pode ser difícil falar sobre a morte quando ela ainda está recente, sobretudo porque aumenta as lembranças da pessoa perdida e ainda é difícil lidar com este sentimento. Para Mendonça (2011, pag. 24), “O luto nos pais, provocado pela morte dos filhos, desperta neles fortes sentimento de raiva, culpa e censura, sendo a morte vivida como uma falha na sua capacidade de proteger e dar a vida, sobretudo em casos de morte súbita”. Os pais têm impregnados em si, a função de proteger os filhos de tudo e de todos e quando algo do tipo acontece, eles se sentem falhando na sua missão de serem pais e protegem seus filhos.

Outro aspecto que também é bastante afetado com a perda de um ente querido de forma inesperada é justamente o âmbito profissional, algumas pessoas não dão o devido tempo para retornar as atividades profissionais e findam sendo afetadas pelas circunstâncias do acontecido e acabam não sabendo como lidar com a dor da perda e os problemas relacionados ao trabalho e isso acaba sendo um grande problema tanto para o profissional quanto para aqueles que estão lidando com essa pessoa que esta passando por essa situação, no caso que estamos trabalhando em questão no caso do personagem, que volta ao trabalho dias após a perda do filho e justamente por ter saído para atender a um paciente e acaba não saindo com o filho e além de associar a morte de seu filho a este paciente, como na situação a seguir:

Telefone toca:

Giovanni\_ Bom dia, Oscar. Como vai? Sinto muito. O que o senhor tem? Iriamos nos ver na terça: se quiser, podemos adiantar para amanhã, segunda, às 08h00min sim... Tudo bem. Qual seu endereço mesmo? Tudo bem. Até logo, então.

Paola\_ O que foi?

Giovanni\_ É um paciente que não está bem. Preciso ir vê-lo. Nossa corrida fica para outro dia.

Paola\_ Porque precisa ir já?

Giovanni\_ Ele está mal, mal mesmo.

Ele acaba tendo problemas no trabalho por não conseguir se concentrar no que está fazendo e mais ainda com esse paciente a que ele atribui culpa por ter saído para visitá-lo ao invés de ter ido passear com filho como ele tinha planejado antes do paciente necessitar de sua ajuda. No diálogo a seguir esta situação fica mais clara, em que Giovani conversa com um de seus amigos Enrico (Antonio Petrocelli) sobre a dificuldade de continuar trabalhando com este paciente:



Giovanni\_ Eu queria me controlar e pedir desculpas, mais não consegui: Enrico, não paro de pensar naquele domingo em que fui a casa dele. Não sei se posso continuar vê-lo. Tenho certeza de que vou sempre associá-lo a morte de Andreia.

Amigo\_ Você deveria contar tudo a ele, falar dessas suas dificuldades.

Giovanni\_ Contar o que? Dizer que por minha causa, está tudo confuso entre nós? O que essa análise irá virar? Além disso, não acho justo contar a ele o que está acontecendo.

Amigo\_ Sim, mas, neste caso, acho que é indispensável.

Como vimos, é obvio que além de não ter dado o tempo necessário para retornar ao trabalho, para entender tudo o que a família estava passando, e para voltar a se relacionar com este paciente que passa a ter um significado diferente para Giovani por causa do envolvimento que este paciente teve com ele no momento em que seu filho faleceu, ele também não desenvolveu suas emoções e seus sentimentos com relação à perda do filho para retornar suas atividades profissionais e isso acabou interferindo em seu trabalho, ele não estava nem ao

menos conseguindo lidar com seus próprios problemas devido aos estresses pelos quais ele vinha sendo submetidos. Conforme Lipp (2007) apud Habekoste e Areosa (2011) “Estresse é inevitável face as constantes adaptações que se impõem necessárias aos sujeitos, pois está presente em todas as situações que exigem capacidade de adaptação da mente e do corpo. As repercussões da exposição ao estresse são observáveis no corpo, na mente e no meio social”.

Da forma que este sentimento estava Interferindo diretamente no seu trabalho, surge então a necessidade de afastamento, sobretudo porque não houve tempo necessário para estruturar seus pensamentos, isso é visto no diálogo a seguir, entre ele e sua esposa conversando as sobre as dificuldades que ele vinha enfrentando com seus pacientes e que tinha decidido se afastar:



Giovanni\_ Nem consigo mais escutar certos pacientes. Não escuto o que dizem. Com outros, estou me envolvendo demais, sinto-me no lugar deles. Agora não estou ajudando, com certeza. Não estou ajudando ninguém.

Paola\_ Talvez tenha voltado cedo demais.

Giovanni\_ Não, não é isso. É que não tenho mais nenhum distanciamento.

Paola\_ Falou com alguém sobre isso?

Giovanni\_ Falei com Enrico.

Paola\_ O que ele disse?

Giovanni\_ “Não faça isso, espere um pouco”.

Paola\_ Faça isso então.

Giovanni\_ Não. Esperar não serviria de nada. Além disso, já decidi. Sinto-me até um pouco aliviado, mesmo não sendo bom dizer isso. É melhor assim. Melhor para os pacientes, melhor para todos. E nós dois? O que vamos fazer?

Paola\_ Não sei.

Giovanni\_ Estamos tão mal assim?

Paola\_ Não vamos falar disso agora.

Percebe-se claramente o quanto Giovanni encontra-se confuso, retornou a vida profissional sem estar mentalmente estruturado e preparado para lidar com as situações advindas de suas responsabilidades quanto psicanalista e um profissional que lida com drama e problemas de todo tipo de pessoas e as mais diversas situações, o que é bastante normal no dia a dia de um psicanalista. Conforme Walsh (2005) apud Habekostee Areosa (2011) “quando uma família experimenta uma perda, os membros são atingidos de diversas maneiras e exibirão uma série de reações, dependendo de variáveis como idade e estilos individuais de enfrentamento, situações de seus relacionamentos e suas diferentes posições na família”.

#### 4.4 O Caminho para Aceitação da Perda

Depois da chegada da carta de Ariana, Paola tem interesse em conhecer a jovem com quem o filho tinha um envolvimento, naquele momento aquela jovem era a representação dele e era uma chance deles terem acesso ao filho perdido. No diálogo seguinte, Paola e Giovanni conversam sobre o marido escrever para garota para que eles possam se conhecer.

Paola\_ Vou dormir. Você vem?  
 Giovanni\_ Sim, já vou.  
 Giovanni\_ Não Paola, ainda não escrevi para Ariana.  
 Paola\_ Já tinha entendido.  
 Giovanni\_ Paola, Se no domingo eu tivesse ficado...  
 Paola\_ É uma pergunta?  
 Giovanni\_ Se não tivesse corrido feito um cretino para casa daquele paciente, tivesse ficado com Andrea.  
 Paola\_ Ele iria mergulhar mesmo assim.  
 Giovanni\_ mas e se eu tivesse ido correr com ele? Iriamos tomar um sorvete, ver um filme. Você até disse: “Precisa ir mesmo?”.  
 Paola\_ Giovanni, é inútil! É impossível voltar atrás.  
 Giovanni\_ Pois é exatamente o que eu quero fazer. Voltar atrás.  
 Paola\_ Claro, só existe você, os outros não importam. Você nem gosta do Andrea. Nem escreveu para garota. Só suas obsessões importam.  
 Giovanni\_ Tantas vezes tentei escrever, mais não consigo, não consigo. Penso que talvez...  
 Paola\_ Não me importa o que você pensa. Não quero mais ouvir você.

Naturalmente, Giovanni Não sabe como pode contar para aquela jovem uma história tão difícil, ele ainda não se sente pronto para partilhar esta história e tudo que tem sentido, neste aspecto, Verdade (2008), “Diz que de modo geral,

indagações sobre morte e morrer não costumam ser partilhadas claramente; é mais comum o assunto causar espanto e desconforto, provavelmente devido a processos de negação atuantes nas subjetividades, intra e intersubjetivamente”. Dessa forma a dificuldade é apenas um reflexo do que ele ainda está sentindo. Deve-se oferecer ao genitor uma relação de apoio, em que ele se sinta livre para refletir sobre o golpe sofrido e ao entendimento de como ocorreu e o porquê isto ocorreu, bem como expressar os sentimentos tempestuosos que são tão necessários para que haja uma elaboração sadia do luto. (CATERINE, 2008).



E quando acontece enfim o encontro de Ariana com a família, a vida da família ganha um novo sentido, é como se ela carregasse um pouco de Andreia e eles tivessem a oportunidade de ficar um pouco mais com seu filho amado. Ariana traz consigo animo para aquela família que se encontrava tão desorientada e sem saber como do segmento a vida e como encontrar um caminho e se esse sentimento não for trabalhado na família que sofre uma morte súbita, ele pode permanecer para sempre no seio da família, segundo Mendonça (2011), “Podendo permanecer pela vida inteira e originar separações e divórcios nos casais que passam por essa experiência, afetando de modo definitivo a unidade familiar”.

Ariana\_ Fiquei triste quando a senhora me ligou. Eu não estava sabendo (...) e, quando me contou, nem pude (...).

Paola\_ Não se preocupe. Ariana, imaginava você diferente. Não é?

Giovanni\_ Não sei.  
 Ariana\_ Mais bonita?  
 Paola\_ não é isso, diferente acho que pela voz no telefone, sei lá.  
 Ariana\_ Eu tinha o cabelo mais comprido. Corte recentemente, minha mãe diz que era melhor antes.  
 Giovanni\_ Esta cansada?  
 Paola\_ Não.  
 Giovanni\_ Quer tomar banho?  
 Ariana\_ Não, obrigado.  
 Paola\_ Vamos sair, ou jantar aqui?  
 Giovanni\_ Vamos comer fora.  
 Ariana\_ Só que eu preciso ir embora.  
 Giovanni\_ Por quê?  
 Paola\_ Pode dormir aqui se voltarmos tarde.  
 Ariana\_ É que na verdade um amigo está esperando lá em baixo. Estamos viajando de carona juntos.



Apesar de ter passado pouco tempo com a família foi o suficiente para fazê-los ter uma nova visão da tudo que estava acontecendo em suas vidas e deu a todos a oportunidade de ver uma saída em meio ao sofrimento que eles estavam passando. Apesar da dificuldade de se reestabelecer diante de algo tão sofrido é necessário que a vida continue e que todos tentem voltar à vida normal da melhor forma possível. Sabemos que é difícil e o que gera tanto sofrimento na morte de um jovem é que de acordo com Ware (2012), “É a suposição de que viveremos para sempre, ou ao menos até uma idade muito avançada, que traz tanto choque e desespero quando alguém jovem morre”. Naturalmente, é de partir o coração ver jovem ir embora quando parece que tinha a vida inteira pela frente, mas não está

em nossas mãos por isso só o que nos resta e tentar entender e seguir com a vida adiante.

O apoio mútuo é fundamental para que esse processo aconteça e é também um facilitador, por isso segundo Ganzert e Correa (2013, p. 09).

As causas da perda têm grande significância para o processo de desapego e, conseqüentemente, para o processo do luto. Quando por exemplo, o indivíduo se defronta com uma notícia da morte de um ente querido, pode sentir-se desamparado, mesmo que haja aconchego de outras pessoas, ou então pode se sentir angustiado, culpado e psicologicamente desorganizado.

Não devemos esquecer que todos tem uma forma diferente de ver as coisas e de lidar com determinadas situações, mas que juntos tudo fica mais fácil.



#### 4.5 Análises Do Filme

Esta narrativa cinematográfica trata de uma situação difícil de superar que é a morte de um filho, ainda mais em período de adolescência. Discute justamente as situações que muitas famílias passam quando perdem um membro familiar de forma

súbita e repentina, e que sofrem de forma significativamente sem saber como lidar com tantas emoções repentinas e da qual não estamos acostumados. Muitos assuntos são discutidos no decorrer do filme, entre eles estão: a harmonia familiar que é quebrada repentinamente; o impacto que esta perda causa na vida conjugal do casal; a forma com que os filhos lidam com a perda de irmãos; e o impacto que a morte súbita causa na vida familiar como um todo. Estas apesar de tratar situações fictícias porque são vistas em um filme acontecem na vida real quando as famílias se deparam com a morte de um membro familiar e possivelmente também lidam com algumas dessas situações.

O renomado autor e diretor Nanni Moretti busca ao máximo retratar a situação da forma mais condizente com a realidade possível. Apesar de não ser fácil discutir um assunto que é ainda um tabu para toda uma geração, tratar da morte e consequentemente das reações que ela causa na vida do ser humano é realmente uma tarefa árdua e que requer muito cuidado, as outras cinematográficas tem o poder de ajudar na forma com que as pessoas lidam com determinadas situações e influenciam de modo significativo a vida de muita gente.

Esse filme nos faz refletir sobre nossa finitude e de como somos vulneráveis diante de situações que fogem ao nosso controle e que só nos resta aprendermos como lidar. Somos frágeis diante de situações que nos pegam de surpresa e podemos ser infinitamente impactados com elas se não encontrarmos o caminho para chegar ao entendimento e a aceitação. Dessa forma devemos reavaliar nossas prioridades e tentarmos está sempre em paz conosco mesmo e com aqueles que amamos, pois não sabemos se essa será a última vez que as vejamos e seria uma tragédia se as deixarmos as pessoas que amamos de forma que nos possa causar algum arrependimento. Por fim, vale ressaltar que esse filme foi de enorme contribuição para meu crescimento pessoal e me fez repensar algumas coisas das quais nunca havia depositado tempo suficiente para pensar, justamente algumas questões que são de suma importância na vida do ser humano.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A conclusão deste trabalho foi de grande importância e propôs um grande desafio justamente porque aborda assuntos referentes à morte, ao luto e os grandes sentimentos que estão envolvidos neste processo, principalmente quando se trata da morte de um filho, vendo-se que este é um assunto de difícil discursão e compreensão. Com este estudo foi possível analisar os variados sentimentos que envolvem uma perda, dentre eles: o medo, a dor, a angústia e o desespero, sentimentos esses que foram abordados no filme no decorrer do filme e que também fazem parte da vida real.

Devemos considerar que um fator que pesa quando se trata morte e da elaboração do luto é a vinculação, o grau de importância que a pessoas que se perdeu tem em nossa vida, justamente quando maior a proximidade como o ente falecido, maior será o impacto que essa morte vai ter na vida daqueles que permanecem na viagem da vida e que terão que trabalhar meios facilitadores para elaborar um luto saudável e para retornar a rotina da vida com um grande vazio que morte deixa quando passa em nossa vida. Outro fator que deve ser observado é as circunstâncias como a morte acontece, certamente que quanto mais sofrida for a morte mais traumas ela acarretará na família.

No caso da morte súbita de um jovem que é a abordada no filme é muito complicado de lidar com a perda e arrisco dizer também que é a mais dolorida porque pega as pessoas desprevenidas e causam grande frustração pela ruptura instantânea e inesperada. Certamente porque desestrutura todos os projetos e sonhos que a família tem passa essa pessoa e porque, além disso, ainda rompe o ciclo biológico da vida e dificulta elaboração do luto e indo contra a ideia de os pais viverem mais que os filhos.

Neste aspecto alguns fatores são de suma importância para que a elaboração desse luto seja bem sucedida e a família possa se recuperar com mais facilidade, um deles é a união da família e o compromisso de todos em função de uma causa muito importante. É muito importante que nesse momento de comoção e desestruturação haja interesse e empenho em ajudar as pessoas que são vistas nestas situações e que mais do que nunca precisam de apoio. Por fim, não tem um

jeito fácil de lidar com isso e não existe uma fórmula da qual todo mundo pode recorrer. As pessoas têm pensamentos diferentes, qualidades diferentes, vidas diferentes e meios diferentes de lidar com as coisas, dessa forma cada um vai viver essa situação de forma diferente e também vai ter reações diferentes diante de cada etapa que será necessário ultrapassar para conseguir meios de chegar à aceitação e pode elaborar um luto saudável e que não causa mais transtornos do que esse tipo de perda já causa por levar alguém tão importante é que fará tanta falta para que a família der continuidade à vida e possa guardar na lembrança apenas os bons momentos que essa pessoa trouxe para toda família.

E finalmente quero recomendar a todos o filme O quarto do filho, vale muito apenas assistir essa obra e com certeza ela vai ter dar uma visão de morte e de como é possível sobreviver à tamanha dor. Acrescentará muito na opinião e na vida daqueles que reservarem algum tempo para apreciar esta maravilhosa obra que tanto acrescentou na minha vida e imagino que na vida de todos que já assistiram ao filme.

## REFERÊNCIAS

- BERTOLETTI, Adriana. **Educando para a vida e para a morte**. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2009.
- BOWLBY, John. **Apego e Perdas**: perda: tristeza e depressão, volume 3 da trilogia/ John Bowlby; [Tradução Valtensir Dutra], - 3º ed.- São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- CATERINE, Marlene de Carvalho. **O luto**: Perdas e Rompimentos de vínculos. Associação de Psicanalistas do Vale do Paraíba, Fev. 2008. Disponível em: [www.apvp-psicanalise.com].
- DENZIN, NormanK; LINCOLN, Yvonna S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: \_\_\_\_\_. **O Planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- ELIAS, Norbert. **A Solidão dos moribundos, seguido de, envelhecer e morrer**. tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- Estud. av.* A morte de Florestan e a morte da memória.1996, vol.10, n.26, pp. 34-41. ISSN 0103-4014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141996000100007>.
- FLORÊNCIO, Soraia Catarina Paulo. **A experiência do luto e a vinculação**. Escola de Psicologia e de Ciências da vida, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2015.
- FRANCO, Clarissa de. **A cara da morte**: os sepultadores, o imaginário fúnebre e o universo onírico. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2010.
- GANZERT, L. C., CORREA, M. R. **O Processo de Elaboração do luto diante da morte de pessoas significativas**. Curso de Psicologia – Faculdade de Integradas de Ourinhos – FIO/FEMM, 2013.
- HABEKOSTE, Aline Herzog, AREOSA, Silvia Coutinho. **O luto Inesperado**, IV Jornada de Pesquisa em Psicologia, Desafios atuais nas práticas em Psicologia, UNISC, Santa Cruz do Sul, 2011.
- KOVÁCS, Maria Júlia (org.). **Morte e desenvolvimento humano** .4 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.
- KOVÁCS, Maria Julia. Educação para a morte: desafio na formação de profissionais de saúde e educação. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Morte e existência humana**: caminhos de cuidados e possibilidades de intervenção. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.
- KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a morte e o morrer**. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a morte o morrer**: os que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiros, religiosos e aos seus próprios parentes. Tradução Paulo Menezes. – 9. ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2008.

LELOUP, Jean-Ives. **Além da luz e da sombra** – sobre viver, o morrer e o ser. Tradução de Pierre Weil, Regina Fittipaldi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.  
M862, **Morte e existência humana**: caminhos de cuidados e possibilidades de intervenção/coordenação, Maria Julia Kovács; editores da série, Edwiges Ferreira de Mattos Silveiras, Francisco Batista Assumpção Junior, Léia Prizskuenik, - Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.

MELO, Rita. **Processos do Luto**: O inevitável percurso fase a inevitabilidade da morte, 2004. Disponível em: [www.integra.pt/textos/luto.pdf].

MENDONÇA, N. L. B. **O Luto como Questão Bioética**. 2011. 108 f. Dissertação – Faculdade de Filosofia, Universidade Católica Portuguesa, Braga. 2011.

MORELLI, Ana Bárbara, SCORSOLINI-COMIN, Fabio, SANTOS, Manoel Antônio dos. **O Impacto da Morte do Filho sobre a Conjugalidade dos Pais**. Psicologia, Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Riberão Preto, Universidade de São Paulo, 2013.

MORIN, Edgar. **O homem e a morte**. Lisboa: Europa - América, 1997.

MORIN, Edgar; CIURANA, Emilio-Roger; MOTTA, Raúl Domingo. **Educar na Era Planetária**: O pensamento complexo como Método de aprendizagem no erro e na incerteza humana. Tradução Sandra Trabucco Valenzuela Revisão técnica da tradução Edgard de Assis Carvalho. São Paulo: Cortez, 2003

NASCIMENTO, Cecilia Cassiano. **Apego e perdas ambíguas**: Apontamentos para uma discussão, Curso de psicologia, Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2006.

OLIVEIRA, Hercules Barros de. **Vivendo a Morte**, Curso de Ciências da Religião, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, 2012.

OLIVEIRA, João Batista Alves de, LOPES, Ruth Gelehrter da Costa. O processo do Luto no Idoso pela Morte do Cônjuge e Filho, **Psicologia em Estudo**, Maringá. v. 13, n. 2, p. 217-221, abr./jun. 2008.

PARKES, Murray Colin. **Luto**: Estudos sobre a perda na vida adulta. 3 ed. Sannus Editorial – São Paulo, 1998.

SANTORO, Keity Andrieli. **A Morte está presente na vida**: qual a percepção dos pais acerca da morte repentina dos filhos. Monografia (Curso de psicologia) Universidade do Oeste de Santa Catarina, 2015.

SANTOS, Elionésia Marta dos, SALES, Catarina Aparecida. **Familiares enlutados**: Compreensão Fenomenológica Existencial de suas Vivencias. Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade de Maringá, 2009.

SILVA, Mariana Santiago de Matos. **“Teclando” com os mortos**: Um Estudo sobre o Uso do Orkut por Pessoas em Luto. Pontifícia, Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2011.

SOARES, Gleidson Roberto. **Caminhando pela trilha da saudade**: Reflexões sobre a Morte e o Processo do Luto. Curso de ciências da Religião, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, 2013.

TAVERNA, Gelson, SOUZA, Waldir. O luto e suas realidades humanas diante da perda e do sofrimento. **Caderno Teológico da PUCPR**, Curitiba, v. 2, n.1, p. 30-55, 2014.

WARE, Bronnie. **Antes de partir**: uma vida transformada pelo convívio com pessoas diante da morte/ Bronnie Ware; Tradução Chico Lopes, - São Paulo: Gerações Editorial, 2012.